

OS CONTRASTES E AS SEMELHANÇAS DAS MENTALIDADES RELIGIOSAS DOS INCAS E DOS EUROPEUS

Augusto Ridson de Araújo Miranda

Rayssa Maria Pereira Araújo

RESUMO

Nosso trabalho visa abordar a questão das mentalidades inca e européia numa perspectiva de dialogar com as semelhanças e diferenças entre tais povos no que concerne às questões religiosas sobre o casamento, a sexualidade, a virgindade e as punições voltadas para esse assunto. Desta forma, pretendemos contemplar outras abordagens acerca de tais temas, dialogando com os autores e com as fontes citadas.

PALAVRAS-CHAVE: Incas-Europa Medieval

INTRODUÇÃO: CHOQUES SENSÍVEIS - OS DIFERENTES RUMOS DAS MENTALIDADES INCAICA E EUROPÉIA

Na perspectiva de abordagem do discurso sobre a mentalidade, segue-se uma dúvida; dúvida esta que se materializa no recorte temporal. Com quanto tempo se constrói uma mentalidade? Ou ela se constrói em grandes demandas temporais, ou ela se constrói continuamente.

Começamos então pela Idade Média européia, que se apresenta como um emaranhado de idéias, de choques culturais (choque aqui abordado tanto nas diferenças como nas semelhanças), de guerras por território, de conflitos por zonas de influência, de diferentes roupagens filosóficas e de uma ordem religiosa que paira nas cabeças e nas armas (consequente) dos homens.

Não obstante, a mentalidade paulatinamente se configura, por meio das invasões germânicas, que trouxeram crenças em deuses nórdicos, o apreço pela batalha como forma de engrandecimento do homem, o comércio de rotas curtas, o gosto pelas diferentes bebidas, a navegação *viking* e as táticas de aproximação através das vastas florestas européias encontradas em outros povos germânicos; e por meio de uma decadente, mas ainda viva incursão de idéias greco-romanas, muitas das quais não lá surgiram, mas lá se desenvolveram, muito pela absorção étnica que estes povos tinham. Obviamente, aqui se refere ao processo de construção das idéias católicas (não usado o termo cristão, pois as idéias cristãs anteriormente haviam sido configuradas), que posteriormente este trabalho abordará. No entanto, este trabalho não busca entrar em concordância com o ‘mito’ da democracia de influências greco-romano-germânicas, tão abordadas nas aulas de ensino médio, mas sim perceber que esta mentalidade européia não é única, não é construída de forma pacífica e que cotidianamente se estabelece através das relações familiares e sociais, tal qual na sociedade incaica.

As relações sociais da sociedade inca apresentavam-se de forma diferenciada da européia, mas inseridas na influência do *Modo de Produção Asiático*. Traçar um perfil da mentalidade incaica talvez seja mais fácil que na européia, não pela complexidade de cada uma, mas pela forte presença deste modo de produção, em contrapartida ao leque mais variado europeu. Pensar a mentalidade inca sem considerar o *Modo de Produção Despótico-Tributário* é incoerente, pois mesmo que as relações familiares não se constituam apenas pelo meio econômico, o termo *Modo de Produção Asiático* também contempla as sociedades utilizadoras e as relações sociais destas.

Terá especial abordagem neste trabalho a questão da religiosidade, da sexualidade e do casamento; não podemos esquecer que todas estas questões passam pelo meio familiar, seja no contexto mínimo, com a forte presença do homem, com o papel fiscalizador, e pelo curaca:

“... os incas sobrepuseram à antiga estrutura social sua organização administrativa de base decimal, que previa o reagrupamento dos domicílios em unidades econômicas de dez, cem e

mil, cada uma controlada por um curaca-funcionário que, além de outros deveres, coletava os impostos pagos pelo povo sob a forma de produtos agrícolas e tecidos. Mas, para as famílias comuns, o mais importante era o ayllu, e não a unidade decimal arbitrária a que seus membros pertenciam”.¹

A influência das relações familiares na construção da mentalidade inca também está posta neste sentido com as relações de classe; embora diferentes em comparação às européias (sob o olhar das configurações destas), as relações de classe incaicas são contempladas pelos aspectos religioso e de trabalho (que são dialéticos).

Os aspectos do trabalho, coletivizadas e voltadas à agricultura, em sua maioria, também se constituem como formadores da mentalidade incaica, com seus ideais perpetuados por suas crenças religiosas.

“Os soberanos incas acreditavam que, para evitar aborrecimentos, seus súditos precisavam seguir as três regras- *ama sua, ama lulla, ama quella*- o que significa: Não roubar, não mentir, não ser preguiçoso. O respeito a essas regras garantia ao cidadão todo o apoio que necessitasse, do nascimento até a morte. Depois, seu destino dependeria apenas dos deuses.”²

A relação trabalho- religiosidade era bem estreita, e garantia a sustentação do Império; garantia também uma influência poderosa na constituição de uma mentalidade de esforço.

A religiosidade, que abordaremos melhor *a posteriori*, se conjuga também pelo aparato ideológico sustentado não só pelas crenças induzidas pelos sacerdotes, como também pela grande quantidade de festividades, promovidas pelo Sapa Inca.

“[...] uma parcela significativa do tempo e dos recursos da comunidade era dedicada a festas, rituais religiosos e cerimônias públicas. Aproximadamente, um terço do ano era ocupado com esses eventos. Mas a generosidade demonstrada pelos dirigentes não era prodigalizada

em vão; essas celebrações forjavam os laços que uniam o Império a seus súditos e tornavam toleráveis os pesados encargos impostos pelo Sapa Inca.”³

No entanto, estes “choques sensíveis”, entre as duas mentalidades, e entre as diferentes conjunturas que envolviam estas sociedades internamente, com todas as concordâncias e contradições, ficaram bem visíveis pelo choque maior: através das invasões européias ao continente americano. De um lado, o choque dos incas, que mesmo bastante acostumados com invasões e diferentes culturas, foram radicalmente modificados pelo encontro com os europeus; de outro lado, o estranhamento por parte dos europeus, que invadidos pelas influências incaicas (e americanas em geral) quanto poderiam ser, e que toda uma historiografia posterior buscou apagar.

O intuito desta introdução não foi direcionar o trabalho apenas para a questão das mentalidades, e muito menos dialogar com as correntes historiográficas que trabalham o tema; a perspectiva de contemplar a questão das mentalidades foi servir de suporte para os debates a seguir, e visivelmente, problematizar o choque entre as duas culturas.

AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS RELIGIOSAS

Como se configuram as semelhanças e diferenças religiosas entre dois povos? O caso da semelhança religiosa inca com a européia foi mera coincidência ou existiram influências desta mentalidade?

Analisando as fontes, percebemos que estas semelhanças se configuraram muito pelas analogias feitas tanto pelos autores como também cronistas da época, como foi o caso de um deus inca (Viracocha) ser comparado a Jesus Cristo:

“Viracocha, escreve Jacques de Mahieu, “é ao mesmo tempo o criador e o filho do Sol. Como criador, ele é imaterial e Todo-Poderoso. Como redentor, ao contrário, filho de sua própria criação, é vulnerável e as forças da natureza o abatem” .⁴

A deusa da terra (Pachamama) era às vezes identificada como a Virgem Maria. Porém, notamos também muitas diferenças religiosas em relação a esses dois povos. Inicialmente devemos lembrar que a religião católica era baseada no monoteísmo, pela crença em Jesus Cristo, enquanto os incas eram ligados a diversos deuses (politeísmo), mas tendo o Sol (cultuavam este para ter prosperidade na agricultura, principalmente na cultura do milho) como o mais importante. Além desse, tinham adoração pela Lua, e pelo Trovão, entre outros.

O CASAMENTO

Trataremos a questão do casamento de cada povo tentando mostrar suas aparências e divergências, principalmente a mentalidade sobre a sexualidade e as punições religiosas de cada um.

O casamento cristão, inicialmente, foi muito combatido devido a influência do apóstolo Paulo que não aconselhava essa idéia e acreditava que:

“E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo” (I Coríntios VII, 8);

“E assim quem casa a sua filha virgem faz bem; quem não a casa faz melhor” (I Coríntios VII, 38);

“Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o Espírito de Deus” (I Coríntios VII, 40).⁵

O casamento era visto como um ato pecaminoso, não existindo a valorização da família, do casamento e sim da castidade, da virgindade. Como último caso, o apóstolo Paulo aceitava o casamento como concessão e não como mandamento para evitar o pecado.

Tendo uma série de divergências dentro da própria Igreja Católica, pois uns eram contra ao casamento e outros a favor, surge o discurso de Agostinho no século V, que se põe a favor do casamento:

“O resgate do casamento, de modo a torná-lo comparável à virgindade, impunha condições. O Evangelho fornecia as bases doutrinárias: na pregação de Matheus, o que Deus havia unido, homem algum tinha o direito de separar (Mt. XIX, 6)”.⁶

O casamento cristão passará por várias mudanças no decorrer dos séculos, tendo ficado na Alta Idade Média (após o século V), profundamente ligado aos valores de linhagem, transmissão de heranças e títulos de aliança política entre reis e guerreiros. O rito matrimonial nesse período era feito na casa da noiva e não na igreja, com parentes e algumas testemunhas, tendo a mulher como patrimônio familiar. A fecundidade era indispensável ao casamento, pois este era feito com intuito principal da procriação. Com a queda do Império Carolíngio (século IX), a Igreja Católica passa a ter mais poder, inclusive na esfera matrimonial, passando a intervir no casamento dos nobres. O casamento entre parentes próximos passava a ser proibido pela Igreja. Neste sentido, o ato do matrimônio passava a ser realizado em templos católicos e o pai passava a levar a filha para o noivo.

Na Baixa Idade Média, a vida conjugal passa a ser vista com caráter positivo. No entanto, era proibida uma série de fatores, como o desejo carnal, e cria-se a confissão para disciplinar as pessoas. Combatia-se o excesso, o coito no natal, na quaresma, dias santificados e domingos, como também quando a mulher estava menstruada e na gravidez (a mulher era inferior ao homem perante o matrimônio). Proibia-se a luxúria (molície, sodomia, bestialidades), retornando a idéia de que o casamento era apenas para procriação e que o sexo tinha uma concepção de mal que persistiu.

Já os povos incas possuíam uma mentalidade bem diferente dos europeus em relação ao casamento. Eram povos bastante ligados ao trabalho, principalmente na terra com a agricultura; então quando um homem casava, o Sapa Inca (imperador) dava um pedaço de

terra de tamanho suficiente para ele e sua esposa, e com o tempo variava, de acordo com a quantidade de filhos.

No casamento inca havia um modelo para os aristocratas e outros para os cidadãos comuns, como: a poligamia existia entre os nobres, enquanto a monogamia era praticada por todo homem comum. As mulheres deveriam casar-se entre 16 e 20 anos e a mãe solteira não sofria nenhum preconceito nessa sociedade:

“A vida dos noivos começava sem a benção sacerdotal, já traz em si a benção, unido por isso ambas as pessoas na mais pura felicidade”.⁷

O Estado se encarregava de escolher uma data para fazer as cerimônias coletivas, feitas na praça da cidade, onde homens e mulheres que atingiam a idade apropriada para se casarem realizavam o ato matrimonial. O rapaz era chamado para se declarar à jovem escolhida, fato que leva a historiografia a supor que essa escolha já havia sido feito pelos jovens e aceita pelas famílias antes desse momento; se ele não decidisse ou se uma mulher fosse disputada por mais de um homem, o curaca (funcionário que coletava impostos pagos pelo povo em forma de produtos agrícolas e de tecidos, além de outras funções) tinha o direito de intervir e de decidir.

O nascimento de um filho na sociedade inca era considerado um acontecimento de maior importância para esse povo e celebrado com muita alegria, pois significava mais uma força futura de trabalho (já que era uma sociedade que não valorizava a preguiça). Por isso mesmo, quem praticasse o aborto era castigado severamente, por ser considerado um crime, punindo quem cometesse e quem ajudasse. A criança era amamentada o maior tempo possível e depois desse período, existia uma série de rituais feitos pelos pais da criança como festejos, onde chamavam amigos e parentes que ofereciam presentes, cortavam-se as unhas e os cabelos que eram guardados pela família. Aos 14 anos comemorava outra festa pela maturidade e quando a menina menstruava existia também uma série de rituais para esse momento.

A VIRGINDADE FEMININA

A questão da virgindade feminina dessas duas sociedades é tratada de forma totalmente distinta como podemos ver a seguir. O cristianismo, como já foi dito acima, era, inicialmente, contra a idéia de a mulher casar-se, pois valorizava a virgindade como algo sagrado. Para a mulher, o direito de ter relações sexuais só poderia ocorrer através do casamento e com único intuito de procriar, pois era proibido ter desejos carnavais. Para tanto, era aconselhado às mulheres privações como: não tocar-se, não ver-se, comer pouco e ingerir alimentos que deixassem o corpo frio e seco.

Já na sociedade inca, a relação com a virgindade era totalmente oposta à mentalidade européia sobre o assunto. A virgindade era considerada uma desvantagem para a mulher inca, pois se entendia que a mulher que casava virgem era a que não tinha capacidade para ser amada por outros homens. Relatos de cronistas feitas por um padre chamado Barnabé Cobo, mostra um caso onde a mulher é castigada pelo marido por ter se casado virgem. Nota-se que diferentemente da religião católica, a condição de mulher virgem entre os povos incas não era muito valorizada.

CASTIGOS

Os castigos religiosos a serem praticados por quem cometesse atos considerados graves no campo da sexualidade também se distinguiam muito, novamente se tratando da questão da mentalidade de cada povo. A Igreja Católica, preocupada com a questão dos desejos carnavais, declarava:

“Assim, pois sucede nos ardores infernais da luxúria, e por isto se devem distinguir no confessionário, expressando o estado do cúmplice os horríveis monstros que ressoam: porque, se é casado, é adultério; se é parente, incesto; se com voto de castidade, sacrilégio. Se é com outro homem, sodomia; se é com um animal, bestialidade”.⁸

Uma série de práticas com ações ou atos era proibida: a fornicação (prática do coito) baseada no fato das pessoas que vendiam seu corpo ao apego da carne, e na entrega ardorosa no leito conjugal. A masturbação masculina era considerada um ato de luxúria, punindo o acusado a dez dias de jejum, e se tivesse sido praticado a dois a punição seria de trinta dias a pão e água (a masturbação passou a ser concebida como "crime de Onan", que significava desperdício de sêmen). A masturbação feminina era punida com quarenta dias de jejum durante um ano ou mais. A sodomia, (bastante associado ao homossexualismo devido o coito ser anal, mas também poderia ser no órgão feminino), podia ser bastante castigada dependendo do papel social e o sexo, chegando à condenação (três anos de penitência se fosse com o marido e a mulher). Sendo jovem, o coito anal era punido com dois anos, e quatro anos de penitência, para adultos. E a bestialidade (sexo praticado com animais) condenava a pessoa e o animal à morte para apagar tais lembranças.

Os castigos religiosos dos incas não se assemelham aos dos católicos, pois não existia entre eles essa pressão ou mentalidade negativa sobre o sexo, já que o sexo não era mal visto pela sociedade incaica. Como já foi mencionado acima, o aborto era condenado por ser considerado crime a quem cometesse e quem ajudasse. Castigava-se também o homem que mandasse a mulher embora de casa, pois o casamento era indissolúvel; e para o caso de nobres que possuíam o direito de ter mais de uma esposa, não poderiam se desfazer da primeira, recebendo uma punição mais severa do que o homem comum.

CONCLUSÃO

Encerramos este ensaio ressaltando a importância de se abordar a questão da mentalidade na perspectiva de retratar de forma mais acurada a problemática da comparação ou do choque entre as visões incas e dos europeus acerca da religiosidade, sexualidade, dos castigos, da virgindade. Nosso objetivo foi de tentar fazer uma abordagem diferenciada das temáticas acima trabalhadas.

NOTAS

¹ Vidas de Duro Labor e Alegre Diversão. In: Civilizações Perdidas (Coleção). Rio de Janeiro: Abril, 1998, pp. 123-148.

² Idem, p. 140

³ Idem, p. 125

⁴ VALLA, Jean Claude. A Civilização dos Incas. Editions Ferni. Pp 181 – 182

⁵ SAGRADA, Bíblia. Carta aos Coríntios I (VII – 8; VII – 38; VII – 40).

⁶ VAINFAS, Ronaldo. Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão. Série Princípios. Editora Ática, 1986. p.13. O autor se utiliza do discurso de Agostinho para embasar seu trabalho.

⁷ SASS, Roselis Von. A Verdade Sobre os Incas. Ordem do Graal na Terra. p.105.

⁸ PARRA, Juan Martínez De La. Luz de las Verdades Católicas de la Doctrina Cristiana. Madri, 1717.p.209.